

Architectura romanica

O portico da matriz de Monção¹

Com seguro espirito de previsão, escreveu, ha mais de trinta annos, Augusto Filipe Simões, um fallecido mestre da archeologia nacional: «Quem pretender estudar os primordios da architectura portuguesa, materia tão interessante como desconhecida, ha de buscar nas provincias do norte os vestigios coevos dos de Coimbra ou anteriores; . . . nos districtos do Porto, Vianna, Braga e Lamego ha muito que explorar»².

Estas palavras vem inteiramente de molde para acompanharem a representação em gravura do portal da igreja de Santa Maria dos Anjos, matriz de Monção.

É expressivo do nosso supino desmazelo em materia de arte o silencio que reina nos chorographos em volta d'esta autentica reliquia de architectura romanica em Portugal. Nenhum, que saibamos, lhe reconhece ou esmeuça o valor e, comtudo, mais do que um, certamente, lhe pisou a testada algum dia.

Infelizmente, não dispomos, para elaborar este artigo, senão da gravura que a representa. Isto é insufficiente para se apreciar em separado o portico, e principalmente para se conhecer a importancia total do monumento de que elle faz parte. Tanto mais que a igreja matriz de Monção conserva ainda alguns vestigios dos outros elementos architectonicos que acompanhavam parallelamente o estilo impresso na traça do bellissimo portal.

A historia da architectura nacional, historia cujas primeiras folhas o nosso Entre-Minho-e-Douro teria a gloria de occupar, em grande parte,

¹ O presente estudo é a refundição de um artigo publicado no *Regional*, hebdomadario local de Monção, em o n.º 96 de 8 de Fevereiro de 1903. Esse artigo foi escrito para acompanhar uma pequena gravura, que representava a porta principal da matriz d'aquella localidade, mas que pecava pela insufficiencia da illustração e pelo obscuro do buril. Publicando-se agora no *O Archeologo Português*, soffreu indispensaveis modificações, suscitadas pelo exame de photographias minuciosas e completas do referido portico e pelas informações additadas ao meu artigo por um illustre advogado de Monção, apreciador esclarecido das notabilidades da sua terra — o Ex.^{mo} Sr. Antonio de Pinho.

É o fruto d'esta revisão que agora se publica no *Archeologo*, para o qual se abriu especialmente a gravura que o acompanha.

² *Reliquias da architectura romano-bizantina*, pag. 20.

se alguém se propusesse escrevê-la, necessitaria de archivar a descrição minuciosa e completa de bastantes monumentos que aquella região ainda occulta na sombra das seculares carvalheiras.

A irradiação artistica, que penetrára no norte e noroeste da Hespanha, no seculo XI, devia estender-se necessariamente por aquella nossa provincia, onde a incipiente nacionalidade portugueza já firmava, como em chão muito seu, os primeiros passos.

D'este facto procedia que, enlaçados o antigo espirito da crença e o poderoso influxo de uma arte constituida, deviam começar logo de surgir por ali, primeiro do que por outra qualquer parte do país, numerosos monumentos christãos, embora muitos de modesta fabrica.

Ao passo que a terra ia sendo conquistada e o dominio christão se desdobrava para o sul, levando até consigo o coração do reino, as igrejas e os mosteiros iam, a modo de balisas, affirmando que onde chegava o lampejo da espada, logo atrás seguia o braço do architecto.

Por isso é digna de registo a intuição prophetica que inspirou a Filipe Simões as palavras que iniciam este artigo.

E ainda elle não teria visto nem percorrido toda a rugosa vestidura de valles e montanhas, que cobre o norte de Portugal e occulta o muito que por lá existe para ver e estudar; o qual muito, por ser modesto e esquecido de majestade, não deixa de ter grande importancia para a historia da architectura entre nós¹.

Não é impossivel, e tempo virá em que isso se faça, conceber uma carta architectonica de Portugal nos seculos em que predominava a architectura romanica, a mais derramada no Entre-Douro-e-Minho; carta em que, por meio de côres ou traços convencionaes, se designasse a densidade numerica de vestigios romanicos relativamente a areas fixas, exactamente como em mappas de outra natureza se faz.

Presumo que aquella região accusaria, ainda hoje, a mais elevada proporção de edificios d'aquelle estilo.

Bem hajam, entretanto, todos os que, na sua propria terra, tentam exhumar do esquecimento official e do desprezo publico os monumentos que a honram e como que estão documentando historias locais.

¹ Quando estas linhas escrevi, ainda não tinha noticia de umas verdadeiras joiazinhas de architectura romanica, que o Ex.^{mo} Sr. Dr. Antonio de Pinho me denunciou depois em bellas reproduções photographicas.

Esses primores existem nas freguesias de Longos Valles (Monção) e Paderne (Melgaço). S. Ex.^a, que é espirito culto, sentiu-se impressionado com o abandono d'estes restos da architectura romanica e abalançado a estudá-los actualmente com amor e enthusiasmo.

*

A simples inspecção da gravura que representa o portico principal da igreja de Santa Maria dos Anjos, de Monção, suggere-nos, salvo melhor juizo, que estamos em presença de uma reliquia da architectura dos fins do seculo XII, podendo ainda pertencer aos primeiros annos do seculo XIII. É a conclusão a que parece levar o estudo comparativo dos caracteres architectonicos d'esta curiosa peça.

Não obstante, os trabalhos d'esta especialidade acêrca de monumentos portuguezes não são tão numerosos, que possam dispensar facilmente o investigador da contraprova fornecida por documentos ou por noticias relativas á fundação do edificio. Dispondo apenas para este estudo da gravura representativa do portico, sentimo-nos, pois, pouco robustecidos.

Alem d'isto, falta o exame de outros elementos importantes de ponderação pertencentes ao resto do templo: a planta com a indicação das naves do trancepto, das absides, os alçados internos das paredes, as fachadas com as janellas, espelhos e contrafortes; as torres com as ventanas e com seus remates; a ornamentação nas columnas e nas archivoltas; os tectos de abobadas, de cupula ou de madeira; depois, as gargulas, os modilhões, as garras, etc. São elementos de observação, de comparação e de analyse que não podem esquecer-se quando se tentarem ler em determinado monumento os caracteres da sua antiguidade. Mas, deve-se confessá-lo, na elaboração de noticias d'esta natureza, a circumstancia de não ter encarado com o portico tem ainda outro effeito:—é a quasi violencia com que tem de se escrever acêrca de uma obra da antiga e impressionante architectura romanica, sem ter sentido a emoção, a um tempo mystica e soberana, que a sua presença produziria. Fica só a sensibilidade reflexa, que provém do frio trabalho mental; falta a directa ou emotiva, que não pode provir senão immediatamente do proprio edificio, que vive, parecendo que nos fala das cousas de seu bom tempo.

O que porém presentemente subsiste da primitiva fabrica foi descrito num additamento assinado com as iniciaes do Sr. Dr. Antonio de Pinho e publicado em seguida ao meu artigo d'*O Regional*. Ahi dizia aquelle talentoso critico que, alem do portal, lhe pareciam da mesma architectura: «parte da silharia frontal, ainda com um espelho e uma gargula, disfarçada em cabeça de monstro, que suppomos da primitiva fabrica; e os vestigios, quasi apagados, de um outro portico lateral, na face do templo que olha o sul, obstruido hoje por fôrma a deixar somente uma

pequena porta de ingresso a um barracorio, com uma architectura de curral, destinado a arrecadações. D'este portico existe á vista a saliencia de parte de um arco, de traça evidentemente românica, ornado de contas, que se encontra actualmente coberto com uma aguada de cal. Outros restos da architectura primitiva existem encerrados dentro de uma construcção sem valor nenhum que serve de sacristia á confraria das Almas: uma serie de modilhões, sem labores, muito aconchegados que saíam da linha geral da construcção a uns 4 metros de altura do solo e um friso saliente, ornado de contas, que faz parte de um pano de parede que encontra perpendicularmente o corpo principal do templo. A configuração architectural d'este pano faz-no-lo suppor parte do edificio primitivo, talvez de uma abside, pois que se vêem ainda trechos de decoração na sua extremidade angular norte-oriente (restos de contraforte, provavelmente) que dá para a via publica, e porque a sua silharia, semelhante á da fronteira do templo, não tem sinaes de abertura para o exterior. Parte d'aquelles modilhões que se achava visivel, fora da construcção referida, foi arrancada em obras recentes, cujos inspiradores julgaram anti-estheticas as suas saliencias. Estes restos ultimamente enumerados existem no lado norte do monumento».

*

Pareceu-me a principio que o portal não representava actualmente tudo o que devera ter sido no seculo XII. Suppus que lhe faltava uma peça primordial nos porticos do estilo românico—o tympano. Recolhido ao fundo do docel, formado pelas multiplas archivoltas que emolduravam os porticos, o tympano recebia do cinzel do artifice uma especial consagração, figurando-se nelle um assunto culminante da iconographia christã, sempre repassado do ingenuo mysticismo d'aquelles tempos. Era uma peça capital na decoração architectonica.

Presumi que lhe tivesse sido arrancada. O caso não era novo. No país, em plena Coimbra, as antigas igrejas de S. Tiago, S. Salvador e Sé Velha foram alvo de iguaes sacrilegios. A de S. Christovam, ao tempo da sua pasmosa destruição, ainda o tinha porém¹.

No caso especial de que trato, a insufficiente gravura de que dispus para o meu primeiro estudo não mostrava a ornamentação que garante o intradorso do arco menor da portada, segundo novas photographias. Tive de modificar o meu juizo. Já na traça primitiva não houvera

¹ *Reliquias da architectura românica e bizantina*, por F. A. Simões, *passim*.

tympano¹, como os leitores do *Archeologo* podem tambem verificar pela presente illustração.

*

Para assinar á architectura do pórtico de Santa Maria dos Anjos os fins de um seculo e os primeiros tempos de outro deverá attender-se ao estilo definido, ao trabalho sem hesitações, ao cunho de segurança que se patenteia nas linhas e nas proporções da obra, independentemente dos defeitos de execução².

Vê-se ahi, quer no delineamento geral, quer na sobria variedade da ornamentação, o producto de uma escola formada, o resultado amadurecido de um systema architectonico chegado em outras regiões ao esplendor.

Não é trabalho de character transitorio, é affirmação de arte, em periodo de plena florescencia.

Convem a isto toda a segunda metade do seculo XII, mas que razões obstem a que os primeiros decennios do seculo XIII ainda vissem em Portugal construir monumentos como este³? Os documentos do cartorio da igreja é que poderiam vir em nosso auxilio.

É provavel que o estudo dos outros restos romanicos da região, ao qual se entregou o Sr. Dr. Antonio de Pinho, e a averiguação das epochas da sua fundação, possam vir em auxilio de uma attribuição chronologica mais exacta.

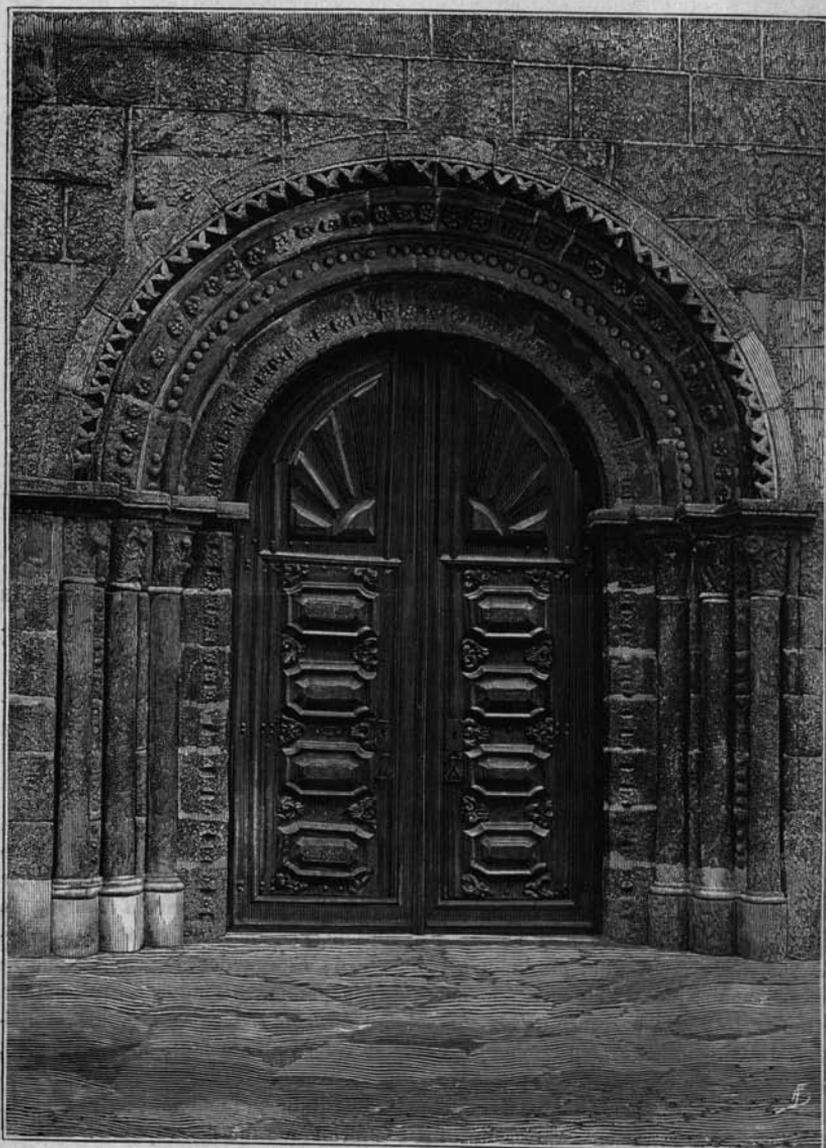
Do exame das photographias que ulteriormente pude ter deante de mim, resulta que guarnecem os dois umbraes do portico tres pares

¹ Annotava o mesmo Sr. Dr. Pinho que interiormente não se descobria vestigio algum de arrancamento. Depois S. Ex.^a brindou-me tambem com photocopias dos portaes de Paderne, onde por igual falta o tympano. Na escola francesa do Poitou, os portaes eram quasi sempre privados de tympano. Esta escola, fundindo-se com a de Auvergne, produziu a chamada de Languedoc, cuja influencia se exerce aquem dos Pyreneus, pelo norte da Hespanha. S. Tiago de Compostella é um fruto d'essa corrente (Vid. *Manuel d'archéologie française*, 1, p. 205. C. Enlart, 1902). *Viollet-le-Duc* tambem algures se refere a este facto architectonico, mas escapou-me o passo em que isto li.

² Refiro-me, por exemplo, ao rompimento de linhas que se nota entre o perfil interno das arcadas e o capitel ou o fuste inferior que lhe corresponde.

³ A Hespanha conhece o estilo ogival desde a segunda metade do sec. XII, contemporaneamente com algumas regiões meridionaes de França. Não obstante, aqui mesmo, ainda no sec. XIII, se conservava a influencia romanica (Enlart, *op. laud.*, p. 438). Mas o estudo das datas das fundações é-nos imprescindivel para assentar em bases positivas a historia da arte de construir em Portugal.

fronteiros de esguias columns cylindricas, alojadas nos recantos em esquadria que perfilam o arregace ou embusinamento da abertura. Os



Portico da matriz de Monção

capiteis relevam figuras e folhas, com característica espessura sob a projecção do angulo externo do ábaco. As arestas salientes dos pés di-

reitos, bastante deteriorados, não eram lisas, mas variamente molduradas. O mais interno pé direito da entrada é lavrado em duas faces com pequenos florões e contas, aquelles na face anterior a modo de pilastra ornamentada, estas na lateral contra o vão. nenhuns porém d'estes lavores resultam do desbaste das umbreiras, de modo que não fique entrecortado o seu perfil. São tirados ao corpo dos silhares; as bolas especialmente prendem-se ao fundo de uma meia-cana.

Este ultimo motivo é frequente em França no Sudoeste e no Languedoc no fim da epoca romanica. Em Portugal vê-se por exemplo no portico de S. Tiago (Coimbra), bem como as rosetas, aproveitadas tambem pelos constructores de Monção.

A archivolta, que obedece á curva perfeita de meio-ponto, é formada por tres arcos successivamente arregaçados, para áquem d'aquelle que limita o vivo da entrada e que é o desenvolvimento semicircular da mais profunda humbreira. Neste arco a face anterior e o intradorso são corridos da mesma ornamentação dos pés direitos.

Os outros em correspondencia com a columnata inferior tem as arestas das aduelas torneadas por molduras e ornadas com característica decoração. No arco maior é um enfileiramento continuo de pontas de diamante recortadas em cruz¹. No meão, uma serie de rosetas em relevo, espaçadas um pouco desigualmente, para se accommodarem ás duas, ás tres e ás quatro em cada aduela. No immediato, a aresta é boleada por um toro ou bordão, que um rosario de bolas acompanha com inexcédivel effeito em todo o redor. Esta variedade de perfis e de ornamentação nas arcadas romanicas accusa a segunda metade do sec. XII e tempos ulteriores (C. Enlart, *op. laud.*, pp. 357 e 358). As impostas são constituidas pelas saliencias da fiada estreita que fórma os ábacos e que é independente das do paramento do edificio. Deve notar-se esta circumstancia porque os capiteis, lavrados no mesmo cubo ou tambor com o astragalo, tem a altura de uma fiada da silharia.

A principal restauração d'este interessantissimo portal exerceu-se ha poucos annos no envasamento das columnas. Devia elle ser anguloso, cubico, em correspondencia com a projecção vertical das impostas. Fizeram pois uns pedestaes redondinhos que são uma belleza. Parecem um grupo de paulitos a pedir bola.

¹ Este ornamento é caracteristico. Perfeitamente igual vê-se na cathedral de Térouanne; sec. XII (C. Enlart, *op. laud.*, pag. 354, onde se referem outros edificios que o conservaram até o sec. XIII. Em Valladolid, na igreja de Santa Maria de Ceinos, tambem foi empregado.

*

Segundo photographias a cuja procedencia já me referi, a este portico que innegavelmente é bello e caracteristico, sobrelevam muito em valor e luxo de ornamentação os de Paderne.

Os exemplares da architectura romanica causam-me especial commoção. Quantas vezes deante d'estes amplos portaes, então reluzentes na sua pintura fresca¹, desceram de seus ginetes os primeiros batalhadores da nossa independencia? Hoje estão ennegrecidos e cariados. Em parte por esta patriotica reminiscencia, em parte pelo caracter singularmente ingenuo e expressivo da arte romanica, é certo que não admiro só, mas sinto no mais intimo da minha sensibilidade, a repercussão do que estas antigas construcções lembram e suggerem.

E quanto a este portico da matriz da senhorial villa do Minho, termino com as mesmas palavras do artigo do *Regional*:

Respeitem-no os monçanenses, e eduquem os seus filhos na veneração das preciosas reliquias com que por lá comvizinham, — para que não vão ellas desaparecendo, sacudidas pela insania de estereis melhoramentos e de restaurações indesculpaveis.

Lisboa, Dezembro de 1903.

F. ALVES PEREIRA.

Onomastico medieval português

(Continuação. Vid. o *Arch. Port.*, ix, 25)

- Beja, campo, 1258. Inq. 570, 1.^a cl.
 Bel, app. h., 1258. Inq. 365, 1.^a cl.
 Belacanes, monte, 1258. Inq. 549, 2.^a cl.
 Beladoiro, geogr., 1258. Inq. 641, 1.^a cl.
 Belagio, n. h., 1070. Doc. most. Moreira. Dipl. 305.
 Belala, geogr., 1258. Inq. 685, 1.^a cl.
 Belali (nocos de), geogr., 1258. Inq. 380, 1.^a e 2.^a cl.
 Belario, n. h., 986. Doc. most. Pedroso. Dipl. 95.

¹ Na epoca romanica, depois de lavrada a pedra, ás vezes muito summariamente, vinha o pintor completar e avivar os effeitos preparados pelo canteiro. Ainda hoje, no Minho, se conserva este tradicional uso de pintalgar irritantemente as cantarias; a questão é abandonar á esthetica popular o embellezamento de uma obra (Vid. C. Enlart, *op. laud.*, p. 347 e 355).